

ARSÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



**ARSÈNE
LUPIN**

**○ LADRÃO
DE CASACA**

Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos


Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Arsène Lupin Gentleman-Cambrioleur

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Maurice Leblanc

Diagramação
Fernando Laino

Tradução
Luciene Ribeiro dos Santos

Imagens
Agnieszka Karpinska/Shutterstock.com;
VectorPot/Shutterstock.com;
alex74/Shutterstock.com;
YurkaImmortal/Shutterstock.com

Preparação
Flávia Yacubian

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Arsène Lupin, o ladrão de casaca / Maurice Leblanc ; traduzido por Luciene Ribeiro dos Santos. - Jandira, SP : Principis, 2021. 192 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: <i>Arsène Lupin Gentleman-Cambrioleur</i> ISBN: 978-65-5552-230-3
	1. Literatura francesa. I. Santos, Luciene Ribeiro dos. II. Título. III. Série.
2020-3069	CDD 840 CDU 821.133.1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 840
2. Literatura francesa 821.133.1

1ª edição em 2021

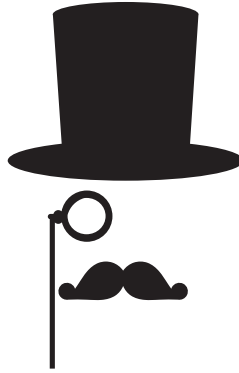
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

A prisão de Arsène Lupin.....	7
Arsène Lupin na prisão.....	23
A fuga de Arsène Lupin.....	45
O viajante misterioso	67
O “Colar da Rainha”.....	85
O sete de copas.....	103
O cofre de Madame Imbert.....	140
A pérola negra.....	152
Herlock Sholmes chega tarde demais	167



A PRISÃO DE ARSÈNE LUPIN

Que viagem estranha! No entanto tinha começado bem. De minha parte, nunca tinha feito outra que se anunciasse melhor. O *Provence* é um transatlântico veloz, confortável, comandado pelo mais afável dos homens. A sociedade mais seleta ali reunida. Faziam-se amizades, organizavam-se diversões. Tínhamos a deliciosa impressão de estarmos afastados do mundo, reduzidos a nós mesmos como numa ilha desconhecida, e, portanto, obrigados a nos aproximar uns dos outros.

E nos aproximávamos...

Já pensaram no que há de original e imprevisto nesse agrupamento de seres que, ainda na véspera, nem se conheciam e vão viver durante alguns dias, entre o céu infinito e o imenso mar, a vida mais íntima, desafiando juntos as cóleras do oceano, com o assalto terrível das ondas ou a calma fingida da água dormindo?

No fundo, é a própria vida, vivida numa espécie de abreviatura trágica, com suas tempestades e grandezas, sua monotonia e sua diversidade.

Talvez por isso se saboreie com pressa febril e tanta volúpia a breve viagem, cujo fim se vislumbra no instante mesmo em que é iniciada.

Mas há vários anos ocorre algo que aumenta singularmente as emoções da travessia. A pequena ilha flutuante continua a depender do mundo de que se julga liberada. Subsiste um laço, que se desata aos poucos em pleno oceano e, aos poucos, em pleno oceano, reata-se. O telégrafo sem fio, com chamados de outro universo, do qual chegam notícias de modo misterioso. A imaginação não tem mais o recurso de evocar fios de ferro por que deslizem as invisíveis mensagens. O mistério é mais insondável e mais poético, pois seria preciso recorrer às asas do vento para explicar o novo milagre.

Assim, nas primeiras horas, sentimo-nos seguidos, escoltados, até precedidos por essa voz distante que, de tempos em tempos, cochicha a um de nós algumas palavras de lá longe. Dois amigos me falaram. Dez, vinte outros enviaram a todos nós, através do espaço, suas despedidas aflitas ou sorridentes.

Ora, no segundo dia, a quinhentas milhas da costa francesa, numa tarde tormentosa, o telégrafo sem fio nos transmitiu um despacho deste teor:

Arsène Lupin a bordo, primeira classe, cabelo louro, ferimento no antebraço direito, viaja sozinho, com o nome de R...

Nesse instante, uma trovoada violenta rolou pelo céu sombrio. As ondas elétricas foram interrompidas, e o resto do despacho não nos alcançou. Do nome sob que se escondia Arsène Lupin só se ficou sabendo a inicial.

Se se tratasse de qualquer outra notícia, não duvido de que o segredo tivesse sido escrupulosamente guardado pelos que manejavam o telégrafo, como pelo comissário de bordo e o comandante. Mas há acontecimentos que parecem forçar a discrição mais rigorosa.

No mesmo dia, sem que se pudesse dizer como a coisa foi divulgada, sabíamos todos que o famoso Arsène Lupin se ocultava entre nós.

Arsène Lupin entre nós! O impecável ladrão de quem se contavam as proezas em todos os jornais há meses! A enigmática personagem com quem o velho Ganimard, o nosso melhor policial, tinha iniciado um duelo de morte cujas peripécias se desenrolavam de modo tão pitoresco! Arsène Lupin, o ladrão de casaca que só operava nos castelos e salões e que, uma noite em que penetrara na casa do Barão Schormann, saíra de mãos vazias deixando seu cartão com esta tirada: “Arsène Lupin, cavalheiro furtador, voltará quando os objetos forem autênticos”. Arsène Lupin, o homem de mil disfarces, chofer, tenor, bicheiro, filho de família, adolescente, ancião, caixeiro-viajante marselhês, médico russo, toureiro espanhol!

E pensar que estava indo e vindo no ambiente relativamente restrito de um transatlântico – mais: no pequeno espaço da primeira classe, onde a gente se encontrava a toda hora, nesta sala de refeições, neste salão, na sala de fumar! Arsène Lupin era talvez este senhor... ou aquele... meu vizinho de mesa... meu companheiro de cabina...

– E isso vai durar ainda cinco vezes vinte e quatro horas! – exclamava no dia seguinte Miss Nelly Underdown. – Mas é intolerável! Tomara que o prendam logo! – E dirigindo-se a mim: – Ei, o senhor, que tem boas relações com o comandante, senhor d’Andrézy, não sabe de nada?

Bem que gostaria de saber qualquer coisa para agradecer a Miss Nelly! Era uma dessas magníficas criaturas que, onde estejam, ocupam de saída o lugar mais em vista. Tanto a beleza como a fortuna delas deslumbram. Têm uma corte, apaixonados, entusiastas.

Criada em Paris pela mãe francesa, ia reunir-se ao pai, o riquíssimo Underdown, de Chicago. Uma de suas amigas, Lady Jerland, acompanhava-a.

Desde o início apresentei minha candidatura para namoro. Mas, na camaradagem rápida da viagem, seu encanto em seguida me perturbou, e eu me sentia comovido demais para um simples flerte quando seus grandes olhos negros encontraram os meus. Ela, porém, recebeu minha homenagem com certa afabilidade. Dignava-se rir das minhas tiradas e interessar-se por minhas anedotas. Uma vaga simpatia parecia responder à solicitude que lhe testemunhava.

Só um rival me teria preocupado, um rapaz bastante bonito, elegante, discreto, de quem ela parecia às vezes preferir o humor taciturno às minhas atitudes mais “exteriorizadas” de parisiense.

Ele fazia parte do grupo de admiradores que cercavam Miss Nelly, quando ela veio me interrogar. Estávamos na ponte, agradavelmente instalados em cadeiras de balanço. A tormenta da véspera tinha aclarado o céu. A hora era deliciosa.

– Nada sei com precisão, senhorita – respondi-lhe. – Mas seria impossível fazermos nós mesmos o nosso inquérito tão bem quanto o faria o velho Ganimard, o inimigo pessoal de Arsène Lupin?

– Oh! Oh! O senhor se precipita muito!

– Em quê? Será um problema tão complicado?

– Muito complicado.

– É que esquece os elementos que temos para resolvê-lo.

– Que elementos?

– Primeiro, Lupin se faz chamar de senhor R.

– Indicação bem vaga.

– Segundo, viaja sozinho.

– Se essa particularidade nos bastasse!

– Terceiro, é louro.

– E então?

– Então só temos que consultar a lista dos passageiros e proceder por eliminação. – Tinha essa lista no bolso. Peguei-a e percorri-a toda.

– Noto, inicialmente, que há apenas treze pessoas cuja inicial chama a nossa atenção.

– Treze apenas?

– Na primeira classe, sim. Entre esses treze senhores R., como podem conferir, nove estão acompanhados de mulheres, filhos ou criados. Sobram quatro sozinhos: o Marquês de Raverdan...

– Secretário da Embaixada – interrompeu Miss Nelly. – Eu o conheço.

– O Major Rawson...

– É meu tio – disse alguém.

– Senhor Rivilta...

– Presente – gritou um do grupo, um italiano cujo rosto desaparecia sob uma barba do mais bonito tom de preto.

Miss Nelly rompeu a rir.

– Ele não é louro.

– Então – prossegui – somos obrigados a concluir que o culpado é o último da lista.

– Ou seja?

– Ou seja, senhor Rozaine. Alguém conhece o senhor Rozaine?

Calaram-se. Mas Miss Nelly, interpelando o jovem taciturno cuja frequência a seu lado me inquietava, disse-lhe:

– Então, senhor Rozaine, não responde?

Todos os olhos se voltaram para ele. Era louro.

Confesso, senti um pequeno choque no íntimo. E o silêncio contrafeito que pesou sobre o grupo me indicou que os outros também experimentavam aquela espécie de sufocação. Era, aliás, absurdo, pois nada enfim nas maneiras desse senhor permitia que se suspeitasse dele.

– Por que não respondo? – disse ele. – Porque, em vista do meu nome, de viajar sozinho e da cor do meu cabelo, já tinha feito uma pesquisa semelhante e chegado ao mesmo resultado. Sou, pois, de opinião que devem prender-me.

Tinha um ar esquisito ao pronunciar essas palavras. Seus lábios finos como dois traços inflexíveis afinaram ainda mais e empalideceram. Filetes de sangue estriaram seus olhos.

Sem dúvida, brincava. No entanto, sua fisionomia e atitude nos impressionaram. Ingenuamente, Miss Nelly perguntou:

– Mas o senhor tem o ferimento?

– É verdade – disse. – Falta o ferimento.

Com um gesto nervoso, ergueu a manga e mostrou o braço. Uma ideia me veio na hora, e meus olhos se cruzaram com os de Miss Nelly: tinha mostrado o braço esquerdo.

Juro que ia observar-lhe isso quando um incidente desviou nossa atenção. Lady Jerland, a amiga de Miss Nelly, chegou correndo. Estava transtornada. Todos a cercaram, mas só depois de um esforço é que pôde balbuciar:

– Minhas joias, minhas pérolas!... Levaram tudo!...

Não, não tinham levado tudo, como ficamos sabendo depois. Coisa curiosa: tinham escolhido!

Da estrela de diamantes, do pingente de rubis não talhados, dos colares e braceletes quebrados, tinham tirado não as pedras maiores, mas as mais finas e preciosas, as que, dir-se-ia, possuíam mais valor ocupando menos lugar. Os engastes lá jaziam, sobre a mesa. Eu os vi, todos vimos, despojados de suas gemas como flores de que se arrancassem as belas pétalas cintilantes e coloridas.

Para executar esse trabalho, durante a hora em que Lady Jerland tomava o chá, tinha sido preciso, em pleno dia e num corredor frequentado, quebrar a porta da cabina, achar um saquinho escondido de propósito numa caixa de chapéu, abri-lo e escolher!

Houve um só clamor entre nós, uma só opinião em todos os passageiros, assim que o roubo se fez conhecido: era Arsène Lupin. De fato, aquela era a sua maneira complicada, misteriosa, inconcebível

e, no entanto, lógica, pois, diante da dificuldade de ocultar o volume embaraçante que faria o conjunto das joias, o estorvo se tornaria mínimo com coisinhas independentes umas das outras, pérolas, esmeraldas e safiras!

No jantar, aconteceu que, à direita e à esquerda de Rozaine, os dois lugares ficaram vazios. E à noite se soube que tinha sido chamado pelo comandante.

Sua prisão, que ninguém pôs em dúvida, causou um verdadeiro alívio. Fizeram-se jogos de salão nessa noite e dançou-se. Miss Nelly, especialmente, mostrou uma alegria ruidosa que me fez ver que, se os apreços de Rozaine tinham podido comprazê-la no início, mal se lembrava deles. Sua graça acabou de me conquistar. Pela meia-noite, à claridade serena da lua, afirmei-lhe meu devotamento com uma emoção que não pareceu desagradar-lhe.

No dia seguinte, para estupor geral, soube-se que, sendo insuficientes os indícios contra ele, Rozaine estava livre.

Filho de um comerciante importante em Bordéus, tinha exibido papéis perfeitamente em ordem. Além disso, seus braços não mostravam qualquer resquício de ferimento.

– Papéis! Certidões de nascimento! – exclamavam os inimigos de Rozaine. – Isso Arsène Lupin fornece tantos quantos necessários! Quanto ao ferimento, é que não houve, ou então ele apagou os vestígios!

Objetavam que, na hora do roubo, ficara demonstrado que Rozaine passeava na ponte. Ao que contestavam:

– Mas será que um homem da têmpera de Arsène Lupin tem necessidade de assistir ao roubo que pratica?

Afinal, fora de qualquer possível consideração, havia um ponto sobre o qual os mais céticos não podiam discutir. Quem, fora de Rozaine, viajava sozinho, era louro e usava um nome começando por R? Quem o telegrama designaria senão Rozaine?

Quando este, minutos antes do almoço, dirigiu-se audaciosamente para o nosso grupo, Miss Nelly e Lady Jerland se ergueram e afastaram-se. De medo, obviamente.

Uma hora depois, uma circular manuscrita passava de mão em mão entre os empregados de bordo, marujos e viajantes de todas as classes: o senhor Louis Rozaine prometia uma soma de dez mil francos a quem desmascarasse Arsène Lupin ou achasse o portador das pedras furtadas.

– Se ninguém vier me ajudar contra este bandido – declarou Rozaine ao comandante –, eu mesmo hei de ajustar contas com ele.

Rozaine contra Arsène Lupin, ou antes, de acordo com a frase que circulou, o próprio Arsène Lupin contra Arsène Lupin – uma luta a que não faltava interesse!

Ela se prolongou durante dois dias.

Via-se Rozaine por todos os lados, misturando-se ao pessoal do navio, interrogando, investigando. De noite, percebia-se sua sombra a andar.

Por seu lado, o comandante ostentava a mais ativa energia. O *Provence* foi vasculhado de alto a baixo. Com o pretexto bem justo de que os objetos estariam escondidos em qualquer lugar fora da cabina do culpado, todas as cabinas foram sem exceção devassadas.

– Vão acabar por descobrir alguma coisa, não é? – perguntava-me Miss Nelly. – Por mais feiticeiro que ele seja, não pode fazer que diamantes e pérolas se tornem invisíveis.

– É claro – respondi. – Ou então seria preciso explorar o forro de nossos chapéus, as bainhas de nossas roupas e tudo o que levamos conosco. – E, mostrando-lhe a minha Kodak de nove por doze centímetros, com a qual não me cansava de fotografá-la nas mais diversas atitudes: – Num aparelho não maior que este, não crê que haveria lugar para todas as pedras preciosas de Lady Jerland? Finge-se tirar retratos e o negócio está feito.

– No entanto ouvi dizer que não há ladrão que não deixe atrás de si um indício qualquer.

– Há um, Arsène Lupin.

– Por quê?

– Por quê? Por não pensar apenas no roubo que comete, mas em todas as circunstâncias que poderiam denunciá-lo.

– No início, o senhor estava mais confiante.

– Mas depois eu o vi em ação.

– De modo que, segundo o senhor...?

– Acho que perdem tempo.

De fato, as investigações não deram nenhum resultado, ou pelo menos o que deram não correspondeu ao esforço geral: o relógio do comandante lhe foi roubado.

Furioso, ele duplicou de ardor e vigiava ainda de perto Rozaine, com quem tinha tido várias entrevistas. No dia seguinte – encantadora ironia –, achou-se o relógio entre os colarinhos do subcomandante.

Tudo isso tinha um ar de mágica e denunciava a maneira humorística de Arsène Lupin, ladrão, vá lá, mas também diletante. Trabalhava por gosto e vocação, mas também para divertir-se. Dava a impressão do autor que se distrai com a própria peça e, nos bastidores, ri francamente de suas saídas espirituosas e da situação que imaginou.

Era sem dúvida um artista em seu gênero, e quando eu observava Rozaine, sombrio e opiniático, e pensava no papel duplo que representava essa curiosa personagem, não podia referir-me a ele sem certa admiração.

Ora, na noite da antevéspera, o oficial de turno ouviu gemidos no lugar mais escuro da ponte. Aproximou-se. Um homem estava estendido, com a cabeça envolta num espesso lenço grande, cinza, e com os punhos atados com uma cordinha fina.